

As três cruzes do calvário - (Lucas 23:33)

Introdução

Jerusalém estava em festa por ocasião da Páscoa, quando a cidade foi profundamente sacudida pela notícia de que Jesus havia sido preso.

Aquele que operara milagres e ensinava com autoridade agora era conduzido como malfeitor. Naquela sexta-feira pela manhã, Jesus foi levado diante de Pilatos, que, examinando-o, reconheceu claramente a sua inocência.

Desejando livrar-se da responsabilidade, Pilatos enviou Jesus a Herodes. Este, após interrogá-lo e escarnecê-lo, tornou a remetê-lo a Pilatos, sem encontrar culpa alguma nele.

Então Pilatos apresentou ao povo Jesus e Barrabás, perguntando qual dos dois deveria ser solto.

Movida por inveja e instigada pelos principais dos sacerdotes, a multidão clamou pela libertação de Barrabás e exigiu a crucificação de Jesus.

Por fim, Pilatos, lavando as mãos diante do povo, declarou-se inocente do sangue daquele justo. Contudo Pilatos contrariando a própria consciência e cedendo à pressão do povo, entregou Jesus para ser crucificado.

Inicia-se, então, a dolorosa jornada rumo ao Calvário. A multidão comprimia-se pelas ruas estreitas de Jerusalém, enquanto os soldados, com dureza, conduziam Jesus para fora das muralhas da cidade.

Entre empurrões, insultos e escárnios, o Cordeiro de Deus seguia em silêncio.

Fora da cidade, em um lugar chamado Calvário — que em hebraico se diz Gólgota, isto é, Caveira — levantaram a cruz e ali o crucificaram. Naquele cenário de dor e vergonha, consumava-se o mais sublime ato de amor da história: o Justo sendo entregue pelos injustos.

À direita de Jesus estava um malfeitor; à sua esquerda, outro malfeitor. Assim, o Filho de Deus foi crucificado entre dois ladrões, sendo contado com os transgressores, em cumprimento das Escrituras. Como está escrito em **Isaías 53:12 “... e com os transgressores foi contado; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu.”**

Desse modo, cumpriu-se fielmente a profecia do Antigo Testamento, pois aquele que era santo e justo tomou o lugar dos pecadores, identificando-se com a humanidade caída para realizar a obra da redenção.

Contudo, Jesus não ocupava a cruz do meio por ser o maior pecador, pois nele não houve pecado. Jesus foi crucificado no meio de dois malfeitores.

Jesus estava na cruz do centro porque ele levou sobre si os nossos pecados. Ele morreu pelos nossos pecados, e também, porque ele divide os homens em dois grupos: os que o rejeitam e os que o recebem.

As duas cruzes, do lado direito, e do lado esquerdo de Jesus representam duas escolhas, dois destinos, duas eternidades:

A cruz do meio representa a salvação. A cruz da esquerda representa a rejeição. A cruz da direita representa a aceitação.

Isso é apenas um retrato do que vai acontecer na história da humanidade, de um lado tem um que se arrepende, do outro lado tem outro que se mantém rebelde.

Diante da cena solene do Calvário, onde três cruzes se erguem, somos convidados a refletir sobre uma verdade profunda. Ali, no monte da Caveira, encontra-se o centro da história da humanidade e o ponto decisivo da eternidade.

Por isso, à luz deste texto, meditaremos no seguinte tema: As três cruzes do calvário.

Na cruz do meio está o Filho de Deus; do lado direito, um coração endurecido; do lado esquerdo, um coração arrependido.

Entre dois culpados, está o único inocente. Entre dois destinos eternos, encontra-se o único e suficiente Salvador, plenamente poderoso para redimir e salvar todo pecador que nele crê.

Tendo contemplado o cenário do Calvário e compreendido que ali se levantaram três cruzes, é necessário agora dirigir nossa atenção ao ponto central daquela cena.

Primeiramente, vejamos a cruz do meio.

A cruz do meio representa a salvação.

Ela não estava no centro por acaso, nem por mera coincidência histórica. A cruz do meio ocupa o lugar de destaque porque ali estava o Filho de Deus, o cumprimento das promessas, o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Antes de olharmos para as reações dos dois malfeitores, precisamos fixar os olhos naquele que está no centro, pois é dele que procede a salvação.

Na cruz do meio está o Salvador. Ali está o Criador do universo, o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.

Surge, então, uma pergunta solene: por que Jesus não foi crucificado à direita ou à esquerda, mas precisamente na cruz do centro?

Não foi acaso, nem mera decisão humana. A posição central revela uma verdade espiritual profunda: Cristo é o eixo da história e o Juiz de todos os homens.

Os dois ladrões representam a própria humanidade caída. Ambos eram culpados, ambos estavam condenados, ambos simbolizam a condição universal do homem diante de Deus.

Como afirma a Escritura: **“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.” (Romanos 3:23)**

Nenhum de nós é moralmente superior àqueles que estavam na cruz da direita ou da esquerda. Todos nós somos igualmente necessitados da graça que flui da cruz do meio.

Jesus estava na cruz do meio porque ele assumiu o seu, o meu, o nosso pecado. Jesus estava na cruz do meio porque Deus lançou sobre ele a iniquidade de todos nós.

Jesus estava na cruz do meio porque ele carregou sobre o madeiro, no seu corpo os nossos pecados.

Jesus estava na cruz do meio porque ele se identificou com você e comigo, ele se fez pecado por nós, ele se fez maldição por nós.

Jesus estava na cruz do centro porque diz a bíblia que o Pai o entregou por amor, o Pai não poupou seu próprio Filho, antes por todos nós e entregou.

Jesus não foi para a cruz porque Judas o traiu por ganância.

Jesus não foi para a cruz porque os Judeus por inveja o entregaram a Pilatos.

Jesus não foi para a cruz porque Pilatos covardemente o sentenciou à morte.

Jesus não foi para a cruz porque os soldados de forma cruel o prenderam.

Jesus foi para a cruz voluntariamente, como bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Jesus foi para a cruz para beber o cálice da ira de Deus em nosso lugar. O Senhor Jesus Cristo é a única esperança de você ser perdoado e salvo.

Você não pode ser salvo pelas suas obras ou pelos seus méritos.

Por isso precisamos olhar para Jesus. Todo aquele que se arrepende dos seus pecados e crê no Senhor Jesus tem a vida eterna.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da esquerda.

A cruz da esquerda representa a rejeição.

Na cruz da esquerda também há uma mensagem solene que precisa ser considerada.

Se na cruz do meio contemplamos a graça de Deus, na cruz da esquerda veremos a tragédia de um coração que permaneceu endurecido diante do Salvador.

Apesar de ser um pecador condenado à morte aquele que estava à esquerda de Jesus, rejeitou-o e rejeitou na hora da morte, e rejeitou na última volta do ponteiro da vida.

Nada é mais perigoso do que ouvir a verdade, contemplar o Salvador e, ainda assim, rejeitá-lo. Mais grave ainda é permanecer na incredulidade na última hora da vida, quando já não há tempo para novas oportunidades. Rejeitar Cristo diante da luz é selar a própria condenação.

Nada é mais grave do que conhecer a verdade e, ainda assim, rejeitar Cristo. Pior ainda é fazê-lo na última hora da vida, quando não há mais oportunidade de arrependimento. Rejeitar o Salvador é decidir pela própria condenação.

O ladrão da esquerda disse para Jesus: **“Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós” (Lucas 23:39)**. Esse pedido para que Jesus descesse da cruz foi insensato e contrário ao plano eterno de Deus.

Ao exigir livramento imediato, ele demonstrava não compreender que a cruz era justamente o caminho estabelecido para a redenção. Se Cristo tivesse descido da cruz, todos nós desceríamos ao inferno.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da direita.

A cruz da direita representa a aceitação pela fé.

O homem que ali estava também se encontrava condenado, sofrendo a justa penalidade por seus crimes.

É importante destacar que inicialmente ambos os malfeitores insultavam Jesus. **(Mateus 27:44)**

Isso torna a cena ainda mais impactante, pois revela que houve uma mudança real no coração daquele que, mais tarde, se arrependeu.

Surge, então, a pergunta: o que levou o ladrão da direita ao arrependimento? Embora o texto não detalhe cada passo desse processo, é possível perceber que, ao contemplar a postura de Cristo na cruz, intercedendo em favor daqueles que o insultavam.

Em Lucas 23:34, lemos a primeira palavra de Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Enquanto era maltratado, zombado e escarnecido, Jesus não proferiu palavras de vingança, mas de intercessão.

Essa manifestação de graça em meio à dor certamente tocou o coração daquele homem, levando-o ao reconhecimento de sua culpa e à fé no Salvador.

Quebrantado e convencido de sua própria culpa, aquele homem já não falava com ironia, mas com fé. Seus lábios, antes marcados pela zombaria, agora expressam humilde confiança no Salvador.

Voltando-se para Jesus, disse: **“Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino” (Lucas 23:42).**

Na última hora de sua vida, no instante final de sua existência terrena, ele reconheceu que somente Cristo podia salvá-lo.

E, como resposta àquela fé sincera, Jesus garantiu a salvação daquele homem, declarando: **“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:43)**

Conclusão

À luz da cena solene no Calvário, extraímos verdades que não podem permanecer apenas na reflexão, mas precisam alcançar o coração.

Quero, portanto, concluir apresentando duas aplicações práticas que emergem do texto e que falam diretamente à nossa vida hoje.

Primeira aplicação: a salvação não é pelas obras, mas exclusivamente pela graça de Deus. Se dependesse de méritos humanos, aquele malfeitor jamais poderia ser salvo, pois viveu toda a sua vida no crime e nada tinha a oferecer a Deus.

Contudo, ao arrepender-se e crer, recebeu gratuitamente a promessa da vida eterna.

Isso nos ensina que, se alguém se arrepender sinceramente até mesmo na hora final — no leito de enfermidade ou à beira da morte — será salvo pela graça de Cristo. Por outro lado, uma pessoa pode ser considerada um bom cidadão, um religioso exemplar, um pai dedicado, um profissional respeitável; ainda assim, se não se arrepender e não crer no Senhor Jesus, morrerá em seus pecados e será condenado ao inferno.

A salvação não é resultado do que fazemos para Deus, mas do que Deus fez por nós na cruz. Não é conquista humana, é dádiva divina; não é recompensa por esforço, é presente da graça mediante a fé.

Segunda aplicação: a salvação é imediata.

No momento em que aquele homem se arrependeu e clamou: Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino. Recebe prontamente a resposta de Cristo: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”.

Não ocorreu espera, manifestou-se graça imediata ao pecador arrependido.

Jesus foi crucificado às nove horas da manhã e, por volta das três horas da tarde, entregou o seu espírito ao Pai. No instante em que rendeu o espírito, entrou na glória. Da mesma forma, quando o ladrão arrependido expirou, imediatamente esteve com Cristo no Paraíso. Assim também ocorre com todo crente salvo: ao deixar este mundo, seu espírito entra imediatamente na presença do Senhor.

Estamos, portanto, diante da cruz do meio. Ali se definem dois destinos, duas escolhas, duas eternidades.

Não sabemos o que será do amanhã. Se amanhã pode ser o dia da morte, que hoje seja o dia do arrependimento e da entrega sincera ao Senhor Jesus Cristo.